

O bom combate

Em discurso de improviso com quase quarenta minutos de duração, o presidente da República concedeu à solenidade de posse dos novos ministros o tom de início de governo. A reforma ministerial teve essa característica. Para além dos nomes que entraram e saíram, mostrou a disposição de Fernando Henrique Cardoso de lutar pela retomada do crescimento, revelou suas preocupações sociais e abriu a oportunidade para que ele sublinhasse a solicitação de comportamento homogêneo da equipe.

O presidente fez recomendações claras a cada um dos novos integrantes do ministério. De Aloysio Nunes Ferreira, secretário-geral da Presidência, Fernando Henrique espera que, junto com o ministro Pimenta da Veiga, trabalhe para manter a base de sustentação do governo afinada com os projetos de interesse do Executivo. De Clóvis Carvalho, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, qualificado de "incessante colaborador", o presidente pretende que viabilize a meta de exportações de US\$ 100 bilhões para o ano 2002.

Pedro Parente, "criativo e hábil", terá a missão de promover gestão empreendedora na administração pública, dando maior agilidade à Casa Civil. José Carlos Dias, da Justiça, deverá manter a ênfase da pasta sobre os direitos do cidadão. Pratiní de Moraes, da Agricultura, será o responsável pela execução da meta de produzir 100 milhões de toneladas de grãos até o fim do mandato presidencial.

Martus Tavares terá missão delicada.

Sua tarefa será a de conciliar a demanda por investimentos aos escassos meios disponíveis, mantendo sob estrito controle o ajuste fiscal, sem frear o desenvolvimento que todos os brasileiros almejam. Ao ministro Ronaldo Sardenberg, da Ciência e Tecnologia, foi pedida prioridade para os projetos Internet 2, biologia molecular, pesquisa espacial e de telecomunicações, além do incentivo à pesquisa para o desenvolvimento tecnológico do país.

O presidente foi claro quanto ao trabalho que ficará sob a responsabilidade do ministro da Integração Nacional, Fernando Bezerra. Integrar o país para garantir que os investimentos venham a desconcentrar a renda e promover a justiça entre as diversas regiões. Ovídio de Angelis, secretário do Desenvolvimento Urbano, deverá traçar uma política para o setor. Terá o auxílio de Sérgio Cutolo na tarefa.

As pedras do xadrez político foram jogadas. Cada um teve, ao vivo, a definição das responsabilidades, missões, tarefas e idéia geral do que se espera da nova equipe. O segundo governo FHC, em verdade, teve início ontem. Agora, é trabalhar. Tirar as idéias das pranchetas e submetê-las ao teste da realidade. No plano político, o principal desafio será aprovar, no Congresso, a reforma Tributária, capaz de ampliar o número dos que pagam impostos para que todos possam ter menor comprometimento.

São muitos os desafios postos à frente da nova equipe. O país precisa crescer. Vencer a mazela do desemprego. E redescobrir o desenvolvimento social. Esse é, sem dúvida, o bom combate.